

BIBLIOTECA
DO
CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série
Diplomacia
ao alcance
de todos

Coleção
PAÍSES



REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição gratuita



Paulo Fagundes Visentini – Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisador do CNPq e do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). Coordenador do Centro de Estudos Brasil-África do Sul/CESUL. (paulovi@ufrgs.br)

O autor agradece a Ricardo Leães, Bolsista de IC do NERINT e aluno do curso de Relações Internacionais da UFRGS, que colaborou na pesquisa.

AGRADECEMOS A VALIOSA COLABORAÇÃO DA
ENCARREGADA DE NEGÓCIOS DA
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO,
SRA. TCHAMLESSO OSÓRIO NADINE.
PELA VERIFICAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DOS DADOS.

Coordenação, editoração, arte, impressão e acabamento:

Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO



Introdução

A República Democrática do Congo – também conhecida como RDC, ou Congo – Kinshasa, ou ex-Zaire, para diferenciá-lo do outro Congo – é um dos maiores países africanos, e está localizado

no centro do continente. Embora possuindo imensos recursos naturais (e talvez por isso mesmo), sua história tem sido marcada por acontecimentos trágicos. Após um colonialismo brutal e espoliador, uma independência desviada, com guerra civil, uma longa ditadura de opressão e atraso (apoiada pelo Ocidente) e, após sua queda, mais duas guerras civis no leste, por conta de conflitos vizinhos. Mas os últimos anos apontam para maior estabilidade e crescimento econômico.

Geografia e população

A RDC, país de vasto território localizado no centro da África (com uma área de 2,3 milhões de km²), possui vários climas, em virtude de suas diferentes altitudes. O norte, próximo do rio que dá nome ao país, é tropical e úmido. Ao sul, onde se encontram as planícies altas, o clima é mais ameno e seco. Ao leste, também composto de planícies elevadas, as temperaturas são médias e a umidade é dominante. Por ser um país equatorial, a RDC possui a segunda maior floresta tropical do mundo, somente atrás da Amazônia. O sul vai se tornando uma zona de transição para as savanas. Nas altas montanhas do leste, na região dos grandes lagos, chega mesmo a nevar, a

despeito de ser um território situado na área quente do globo.

A bacia do Rio Congo irriga com abundância a maior parte do país, enquanto os lagos orientais garantem um estoque adicional de água. Os principais recursos naturais são cobalto, petróleo, diamante e cobre, além de minerais estratégicos para as indústrias de tecnologia de ponta. Além disso, por dispor de imensos territórios férteis, o país tem café e cacau em grande quantidade. A floresta equatorial ainda cobre grande parte do país

O Congo- Kinshasa faz fronteira com a República Centro-Africana e Sudão ao norte, Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia (através do Lago Tanganika) ao leste, Congo-Brazzaville ao oeste e Zâmbia e Angola ao sul. O país dispõe de uma exígua faixa litorânea, onde desemboca o Rio Congo.

A RDC possui quase setenta milhões de habitantes (30 hab/km²), e é uma das nações mais populosas no continente africano. A maior parte dessa população é jovem, fenômeno freqüente nos países em desenvolvimento. O número de filhos por mulheres é superior a seis, o que configura um dos índices mais altos. A expectativa de vida, por outro lado, não ultrapassa os cinquenta e cinco anos de idade. Desses

habitantes, pouco menos da metade pertence à etnia banto.

O analfabetismo atinge 30% dos congoleses, percentual que é superior entre as mulheres. O idioma oficial é o francês, mas a língua mais falada pelos cidadãos em geral é o Lingala. Metade das pessoas pratica o catolicismo, 20% são protestantes, um – décimo é muçulmano e o resto professa religiões animistas. A alfabetização atinge 67,2% da população. Importante destacar que há numerosos grupos populacionais que são povos que dominam outros Estados, como é o caso dos tutsis e hutus do leste, que governam Ruanda e Burundi, para não falar dos ugandenses. Tal situação tem sido elemento detonador de guerras civis e intervenções externas.

História

A floresta foi uma barreira para as migrações bantos, que penetraram no país mais pelo leste, enquanto os povos primitivos, os pigmeus, refluíam para o interior da floresta e a ela se adaptavam. Desde o período medieval ocorreu a ascensão e queda de vários reinos no sul e no leste do território. Em 1884, no Congresso de Berlim, a região da República Democrática do Congo, até então conhecida como “Estado

Livre do Congo” foi considerada como pertencente ao soberano da Bélgica, o Rei Leopoldo II, que a administrava em benefício próprio, através de uma empresa não-governamental. Nesse período, houve um dos maiores massacres da história, realizado sobre a população nativa que se opunha à dominação europeia e pelos brutais métodos de trabalho. Em 1908, no entanto, as pressões internacionais eram muitas para que essa situação cessasse, e Leopoldo cedeu, tornando o país uma possessão do Estado belga.

Na década de 1950 os belgas perceberam que não poderiam mais manter sua colônia, embora não encaminhassem qualquer transição. A quantidade de protestos e revoltas cresceu, com o surgimento de um partido nacionalista chefiado por Patrice Lumumba. Em meio a uma situação confusa, foi proclamada a independência do Congo – Léopoldville (nome então dado à capital do país, Kinshasa). Joseph Kasavubu era presidente e Lumumba primeiro ministro, mas as tendências regionalistas e conservadoras do primeiro e centralistas e progressistas do segundo levaram à guerra civil. Com apoio de mercenários e tropas belgas, a província mineradora de Katanga proclamou a independência, liderada por Moisés Tschombé. Lumumba foi assassinado em 1961 e, com ajuda da

ONU, a unidade nacional foi reassegurada em 1963. Em 1965 o Coronel Mobutu Sese Seko tomou o poder, implantando um regime que permitiu que se tornasse um dos dez maiores milionários do mundo.

Ele mudou o nome da RDC para Zaire, e se notabilizou por jogar a cartada da Guerra Fria e por seus meios autoritários, além da corrupção ser endêmica em seu governo. Mas sempre que foi ameaçado por qualquer revolta popular, os paraquedistas franceses e belgas vieram em seu auxílio. Com o fim da Guerra Fria, seu governo perdeu a importância estratégica e a “legitimidade”.

Em 1994, em Ruanda e Burundi, ocorreu o genocídio durante os confrontos entre hutus e tutsis, o que acabou sendo o estopim para a eclosão de um conflito no Congo. Isto porque quando os assassinatos contra os tutsis acabaram, milhares de hutus fugiram para o país vizinho – principalmente na região de Kivu -, incluindo aqueles pertencentes à antiga milícia popular *interahamwe*, que participara do massacre. Assim, quando os tutsis voltaram ao poder em Ruanda, entendia-se que era necessário mobilizar-se contra seus inimigos, e foi deflagrada a Primeira Guerra do Congo, que envolveu todos os países que tinham populações tutsis e hutus. Assim, para tentar

desestabilizar Mobutu, os ruandeses apoiaram o grupo de Laurent Kabila, antigo partidário de Lumumba, e obtiveram êxito em 1997. O país voltou a denominar-se RDC.

O governo de Laurent Kabila, no entanto, encontrou dificuldades em articular apoios políticos após a longa ditadura. Embora tenha havido entusiasmo com a sua chegada, alguns erros estratégicos e promessas não-cumpridas aos tutsis minaram as bases de seu governo. Então, para demonstrar poder, Kabila expulsou as tropas ruandesas e ugandenses que se encontravam na região para proteger os tutsis. Assim, teve, iniciou a Segunda Guerra do Congo, confronto que envolveu os participantes do anterior (que lutavam ao lado dos rebeldes), e mais o Zimbábue, Chade, Sudão, Líbia e Namíbia. Esses países oficialmente agiam com o objetivo de apoiar Kabila, gerando um conflito que só teve um fim em 2002, após intervenção da ONU e do assassinato de Laurent Kabila no ano anterior.

Com o término da disputa, foi decidido que o poder na RDC seria entregue a Joseph Kabila, filho do ex-presidente. Desde então, usando maior flexibilidade e habilidade política, ele tem buscado estabilizar novamente o país, para que se possa aprovei-

tar a grande quantidade de recursos naturais de que dispõem os congolese. Também ficou determinado um grande cerco às milícias hutus que ameaçavam os tutsis.

Política

O legado da longa ditadura e das duas guerras civis devastador, totalizando um número superior a cinco milhões de mortos. Após esses conflitos o país vem tentando se reconstruir, para tanto buscando atrair recursos e investimentos de fora. Sua grande moeda de troca é sua reserva de cobalto e cobre, uma das maiores do mundo. A corrupção também é um grave problema que se busca enfrentar, uma vez que o Estado, que já era precário, ficou ainda mais debilitado. E décadas de práticas corruptas não são erradicadas por decreto. Isso desestimula investidores internacionais a fazer negócios no país. Mesmo assim, a situação tem melhorado, pois com a participação da China, sobretudo, tem sido investido muito com estradas e aeroportos, para viabilizar a comunicação do Congo com o resto do mundo.

A administração da RDC modificou-se bastante nos últimos vinte anos. Mais recentemente, no período de 2003 a 2006, houve um governo provi-

sório, chefiado por Joseph Kabila. Nesse momento, procurou-se estabilizar o país, e trazê-lo de volta à comunidade internacional. Para tanto, foi criada uma nova constituição, que estabeleceu uma república semi-presidencialista e eleições diretas. Esta de fato ocorreu, e sob os auspícios da ONU, e terminou com a vitória de Kabila. Agora, executivo, legislativo e judiciário são separados, e o governo central atua em conjunto com os regionais.

O presidente é eleito para um mandato de cinco anos, e tem direito a nomear seu primeiro-ministro com quem exercerá o poder. O Parlamento é bicameral, composto pela Assembléia Nacional – cujos membros são eleitos por sufrágio universal – e pelo Senado – determinado pelas vinte e seis legislaturas regionais. O Partido do Povo pela Reconstrução e Democracia, que apóia Joseph Kabila, é o dominante no cenário político congolês. O quadro é o de reconstrução.

Economia

O setor minerador é o mais rentável da economia congoleza. Sua participação decaiu muito nas últimas duas décadas do século XX, devido aos equívocos de Mobutu e as guerras que sucederam. Nos

últimos anos, o país voltou a investir no setor e a crescer. A agricultura, que chegou a significar somente 25% do Produto Interno Bruto, passou a equivaler à metade daquilo que é produzido na RDC em 2000. Há, ainda, um processo que determina uma produção de subsistência em lugar das grandes multinacionais que exportavam café e cacau durante períodos anteriores. Com isso, o desemprego é altíssimo, tendo atingido a faixa dos 70% e a renda *per capita* não ultrapassa os trezentos dólares por ano.

Com a estabilização política, contudo, ensaia-se uma mudança de cenário para os congoleses. A inflação, que atingira níveis altíssimos durante os momentos de crise, já está deixando a casa dos dois dígitos. O governo tem procurado, também, mostrar-se responsável para as organizações financeiras internacionais, que liberaram alguns empréstimos e cancelaram parte da dívida do país. Em 2005, firmou-se um acordo com a Bélgica, com o objetivo de atrair investimentos da antiga metrópole e garantir aos belgas a propriedade principalmente no setor minerador.

As principais dificuldades enfrentadas são a precária infra-estrutura congolesa foi completamente minada. A crise econômica de 2008 e a queda dos preços de alguns produtos que os congoleses exportam

fez cessar o crescimento que o país vinha experimentando. O PIB PPP foi de US\$ 21,64 bilhões em 2009, sendo o *per capita* de US\$ 300. As exportações atingiram US\$ 6,1 bilhões e as importações US\$ 5,2 bilhões (2007). A moeda nacional é o Franco congolês e o país integra a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) e a o Mercado Comum da África Oriental e Meridional (COMESA). Assim, as conexões com os vizinhos permitem a novas oportunidades econômicas.

Dados Básicos

Nome oficial: República Democrática do Congo

Forma de governo: República presidencialista

Chefe de governo: Joseph Kabila

Independência: 30 de julho de 1960

Capital: Kinshasa

Área: 2.344.858 km²

População: 66 milhões (2009)

Densidade demográfica: 28,15 hab./km² (2008)

PIB: US\$ 11,6 bilhões (2008)

Moeda: Franco congolês

Exportações: (US\$) 2.650 milhões (2007)

Principais produtos exportados: Cobre, cobalto, ferro, urânio

Importações: (US\$) 3.700 milhões (2007)

Alfabetização: 67,2 %



Para saber mais

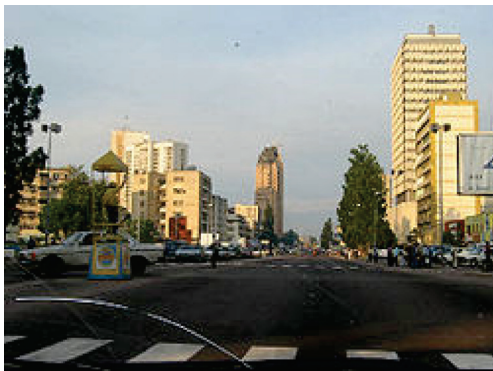
CLAPHAM, Christopher, HERBST, Jeffrey, and MILLS, Greg. *Big African States: Angola, Sudan, Democratic Republic of Congo, Ethiopia, Nigeria and South Africa*. Johannesburg: Wits University Press, 2006.

MAZRUI, Ali A. (Ed.). *Africa since 1935. General History of Africa – vol. VIII*. Oxford; James Currey/ Paris: Unesco, 1999.

PRUNIER, Gérard. *Africa's World War: Congo, the Rwandan Genocide, and the making of a continental catastrophe*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SOLOMON, Hussein, KELLY, Sarah, & MOTSI, Immaculate. *Towards sustainable peace in the Democratic Republic of Congo*. Pretoria: Centre for International Political Studies, 2008.

SELLIER, Jean. *Atlas de los pueblos de África*. Barcelona: Paidós, 2005.



FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br